



ST5. HISTÓRIA E IMPRENSA A CULTURA E A POLITICA NO BRASIL DO SÉCULO XX

236

A CONSTRUÇÃO DO HERÓI JOAO PESSOA NA LITERATURA DE CORDEL¹

Thiago Acácio Raposo²

Resumo: Esta apresentação propõe analisar a criação do mito João Pessoa na literatura de cordel, no contexto político da Paraíba do final da década de 1920 e começo de 30. Considerando que o cordel pode ser tomado como um jornal popular que circulava dentre os diversos grupos sociais no período, busca-se compreender como os textos poéticos o inscreveram naquele cenário de disputas políticas como o “defensor da moral e dos bons costumes” e como herói do povo. Esta imagem também ganhou novos contornos quando sua luta sai do mundo terreno e atinge outra dimensão do onírico. No diálogo com os leitores de época, os cordelistas recriam outras histórias para João Pessoa após sua morte, fazendo-o travar batalhas contra inimigos diabólicos. A presente proposta está articulada ao projeto de Iniciação Científica da UEPB. Utiliza como aporte teórico-metodológico: Michel de Certeau e Roger Chartier e a historiografia relativa ao tema.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. João Pessoa. Herói.

Esta proposta compreende a literatura de cordel como uma fonte possível para o campo da história, no sentido de analisar o contexto histórico-cultural de determinadas comunidades. Segundo Abreu (1999), a literatura de cordel nordestina surge no final do século XIX, no momento em que se começa a escrever em folhetos os combates orais travados pelos violeiros, conhecidas como pejejas. Essa literatura recebeu certa influência da literatura de cordel lusa, mas ela diferencia-se da produção europeia pela sua uniformidade e sistematização.

Segundo Curran (2003), os cordéis de caráter informativo³ apresentam um discurso semelhante, se não idêntico, aquele apresentado pelos meios de comunicação

¹Orientadora: Maria do Socorro Cipriano - Doutora em História Coordenadora do projeto PIBIC: As Tipografias de Literatura de Cordel no Estado da Paraíba (1918-1965) – UEPB.

² Graduando em História pela UEPB, bolsista PIBIC.

³ Vários temas são abordados pelos cordéis e os contos dos principais eventos políticos e sociais não ficam de fora. Esses possuem um caráter informativo, no sentido de levar a notícia aqueles que não

oficial. O cordelista lia as informações proferidas pelos jornais e as reescrevia em forma de rimas e de forma resumida para que pessoas de quaisquer classes sociais conseguissem compreender a mensagem transmitida pelo folheto. O autor utiliza os termos “Jornal do povo” para definir a relação entre jornal e cordel, mas isso não implica dizer que os mais abastardos não liam esses cordéis.

Para melhor compreender a função dessas reedições no âmbito cordelista, podemos citar Chartier (2002) quando analisa os “livros azuis”⁴, publicados na França entre os séculos XVI e XVII. Segundo o autor, esses livros eram reedições de publicações direcionadas a um público “elitista”, tendo em vista o seu alto custo. Alguns livros eram resumidos e outros tinham parágrafos inteiros apagados. Essas edições eram feitas com o intuito de baratear os custos dos livros e de tornar a leitura mais fácil para o novo público.

Podemos supor que muitos cordéis, assim como os “livros azuis”, foram produzidos através de edições ou reedições de outros veículos de informação (jornais, revistas, livros, entre outros). Dessa forma, as informações produzidas para circular em determinado espaço⁵, são desviadas para outros espaços. O cordelista, nesse sentido, tem o papel de recodificar as informações do espaço “elitista”, para o espaço “popular”.

As pessoas que liam os cordéis não o faziam de forma passiva, pois a partir do momento em que eles liam, colocavam em prática toda a sua subjetividade. Eles não aceitavam todas as informações sem antes as analisarem, filtrando-as, geralmente, a partir do conjunto de valores morais vigentes⁶ na sociedade. “A fina película do escrito se torna um removedor de camadas, um jogo de espaços. Um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor.” (CERTEAU, 1994). O leitor, através da prática da leitura, atribui outros sentidos às leituras.

Respalado nesse referencial teórico este artigo tem como finalidade uma breve análise sobre a construção do mito João Pessoa a partir da literatura de cordel. Utilizaremos como fonte primária três cordéis que se encontram arquivados na biblioteca Átila de Almeida, são eles: *A morte do Grande Presidente João Pessôa*, autoria de Laurindo Gomes Maciel; *Assassinato do Presidente João Pessoa*, autoria de Thadeu de Serpa Martins; e *A chegada de João Pessôa no céu* de autoria desconhecida⁷. Todos os folhetos possuem um fator comum: apresentam João Pessoa como um herói. Nos textos poéticos, João Pessoa é apresentado como um defensor da moral e dos bons costumes; homem justo que “emprega os desempregados” e que evitava ao máximo o uso da violência com seus inimigos. Nesta perspectiva, os cordéis analisados apresentam uma legitimação do discurso oficial, que constrói a figura de João Pessoa como um herói nacional.

tinham acesso aos meios oficiais de comunicação. Dessa maneira, o cordel se revela como um veículo de comunicação das pessoas mais simples.

⁴ Esse termo refere-se a livros de baixo custo vendidos na França entre o século XVI e XVII e que geralmente possuíam as capas azuis.

⁵ Produções direcionadas a um público com condições financeiras mais favoráveis a compra.

⁶ Ideologias apresentadas pela Igreja, pelo governo, pelos jornais, pelas escolas, entre outras instituições.

⁷ Nenhuma informação sobre o referido folheto indica o seu autor.

O cordelista paraibano Laurindo Gomes Maciel⁸, em seu cordel *A morte do Grande Presidente João Pessoa*, narra desde os motivos que levaram a ida de João Pessoa à Recife até o seu assassinato.

Segundo o cordelista, João Pessoa teria viajado à Recife com o intuito de visitar um amigo que estava hospitalizado.

Tendo oportunidade
Nosso digno Presidente
Foi visitar um amigo
Que estava muito doente
No Hospital Centenario,
Achou ser bem necessário
Visital-o honradamente. (p.2)

Tratava-se de uma visita ao Dr. Cunha Mello, juiz muito amigo do político. Após a visita o presidente foi, segundo o autor, almoçar e visitar algumas praças, mas sempre sem seguranças. Em todos os lugares que chegava o presidente era sempre muito bem recebido⁹. No final da tarde, Pessoa foi à Confeitaria Glória com seus “amigos direitos” e ele foi logo dizendo “somente chá eu aceito” (p.4). Nas palavras do poeta, o político estava muito feliz, quando o “monstro sanguinolento” entrou no recinto e disparou contra o “grande herói da nação”. A narrativa está de acordo o evento noticiado pelo jornal União:

Estava elle um dia a tarde a conversar despreocupadamente, com alguns amigos, numa das Terras Vizinhas que auxiliava os quilombos, quando uma bala, surpreendeu-o e prostou-o ferido da morte!... O nosso grande herói que por sua terra tornou-se MARTIR era uma bôa estrela que nos guiava no caminho da Ordem e Progresso...¹⁰

Essa versão sobre acontecimento foi divulgado nas matérias jornalísticas presentes nos veículos de comunicação que apoiavam o governo. Na Parahyba, João Pessoa tinha sob seu poder o jornal *A União*, onde as matérias a serem publicadas passavam pelo aval do governador paraibano, sendo publicado apenas o que era do seu interesse, como aponta Aires (2013). Tanto o jornal quanto o cordel têm a preocupação de elaborar um perfil de João Pessoa a partir de traços de sua personalidade ou atitudes corretas e honradas.

Ao narrar sobre a morte do Presidente, o cordelista expõe sua indignação. A morte desse homem “honrado” teria sido motivada por questões políticas, onde os Perrepeistas, inimigos políticos da Aliança Liberal, teriam planejado a morte de João Pessoa e também encontrado na figura de João Dantas o assassino perfeito. O autor

⁸ O cordel não trás informações quanto ao local nem ao ano de sua publicação. Mas, supõe-se que este tenha sido publicado no ano de 1930: “De Parahyba sahiu/ Essa personalidade, / A vinte seis do corrente” (A morte do Grande presidente João Pessoa, p1, grifo meu) e que tenha sido escrito na Bahia, lugar onde o autor residia nos anteriores e posteriores à morte do presidente.

⁹Podemos perceber como há uma preocupação do cordelista em expor uma popularidade de João Pessoa, traçando a personalidade do político e evidenciando a sua aceitação por todos.

¹⁰A União, João Pessoa, 26 jul. 1931, apud Aires.

deixa bem claro seu posicionamento contrário ao perrepista, chegando a sentenciar os opositores a João Pessoa:

Digo a todo brasileiro
Do partido Alliancista
Fez pena ter derramado-se
O sangue de um estadista
Em todo estado do Norte
Se eu fosse a foice da morte
Não deixava um perrepista. (p.6, grifo meu)

Fica evidente no referido cordel o posicionamento de indignação quanto ao crime cometido contra o presidente paraibano e sua intenção em anunciá-lo como herói, mas um verso em especial resume os sentimentos do autor:

A morte do grande heróe
Ficará como memoria
Porque na sua politica
Não poudo alcançar victoria,
Aquella justa excellencia
Roubaram-lhe a existencia
Na Confeitaria Gloria (p.5)

Para Laurindo Gomes, o presidente morto jamais será esquecido, ele “ficará como memória”. Ele foi transformado em um herói, o maior “heróe” do Brasil.

Outro folheto a qual tivemos contato foi o *Assassinato do Presidente João Pessoa* (da Editora Guajarina, Belém do Pará), de autoria do cordelista Thadeu de Serpa Martins, “escrita” quatro dias após a morte do político. Esse mesmo folheto foi analisado pelo Mark Joseph Curran no segundo capítulo (1920 – 1930: Os Anos Turbulentos) de seu livro *História do Brasil em Cordel*. Seguirei a mesma linha de raciocínio do autor enfatizando, entretanto, o posicionamento político do autor do cordel e a exibição imagética do político morto.

Logo na primeira estrofe, Thadeu de Serpa Martins vai ao ponto central da questão: o desejo de transformar o herói da Paraíba num “herói nacional”.

A vinte e oito de julho
N’um hotel pernambucano
Foi morto covardemente
O maior parahybano,
O homem de mais critério
Do Brasil republicano (p.1, grifo meu)

Percebemos inicialmente um equívoco do cordelista ao informar a data da morte de João Pessoa, que ocorreu no dia vinte e seis de julho e não vinte e oito. Esse equívoco pode ser respaldado pela prematuridade das informações produzidas, já que o folheto foi escrito apenas quatro dias após a morte do político (30/07/1930). Um sintoma da ebulição de informações em torno do ocorrido e/ou a pressa do cordelista em vender os folhetos para leitores ansiosos por novas informações? Segundo o autor, o

governador foi morto por motivos políticos, por causa de uma briga “com um chefe cangaceiro” (p.1). Em março do mesmo ano, no município de Princesa, o coronel Zé Pereira declara guerra ao governo do estado e proclama a independência de sua cidade. E para Tadeu Martins, a Guerra de Princesa foi motivada pela insatisfação dos políticos paraibanos com a campanha da Aliança Liberal para a sucessão presidencial, a qual João Pessoa fazia parte como vice-presidente. Em toda a narrativa, os homens contrários a João Pessoa são chamados de “cangaceiros”. Esses “cangaceiros” (p.2) estavam com ódio do presidente porque, em sua administração, a Parahyba tornara-se um estado com um orçamento mais controlado. Daí pode-se perceber que a mitificação de Pessoa não é algo que começa postumamente, antes a sua morte já se existia uma campanha publicitária, dos jornais oficiais, muito forte que exaltavam a prodigiosa administração de pessoa. A luta entre as “tropas legaes” (heróis) e os “terríveis cangaceiros” (vilões) é o que marca o início do folheto.

A partir do evento de Princesa, o cordelista se empenha a explicar como se deu o assassinato de João Pessoa. Com o claro objetivo de traçar uma imagem heróica, ele não economiza no enredo que polariza o herói e o bandido, ao afirmar que a morte do político foi um crime “medonho”, em que seus inimigos percebendo que não podiam derrotar por “vias legaes”, “possivelmente” (p.6) se reuniram e decidiram por ceifar a sua vida. Eles precisavam de um “bandido” (p.6) para cometer o ato e é nesse momento que aparece um “vassalo do Conde Zé Pereira” (p.6). “Preparou-se então uma armadilha para João Pessoa, convidando-o a viajar até Recife para firmar um acordo político com a oposição (Pereira)” (Curran, 2003). João Pessoa, saindo do carro “recebeu uma ferida mortal” (p.7). O assassino era o bacharel João Dantas, aliado político de Zé Pereira. Esse “monstro inhumano” (p.7) matou um dos homens mais “honrados” do Brasil. Tudo foi planejado pelo “vil cangaceiro” Zé Pereira que marcou o encontro com João Pessoa. Vendo o patrão caído, o “chauffeur” do presidente entra na confeitaria e atira destemidamente contra o assassino. Observe os versos do autor:

Chegou e viu o seu chefe
Morto, no chão estendido,
Sem proferir uma phrase
E num gesto decidido
Puchou pelo seu revolver
E atirou no bandido. (p.8-9)

O poeta aponta o ato do Chofer como algo heroico e é nesse momento que encontramos a figura de um homem “simples” aparecendo em meio a uma história de “grandes homens”.

Deve o chauffeur se orgulhar
Do acto que praticou,
Se não fez melhor serviço
Foi porque o alvo elle errou
Más o seu heroico feito
Seu nome immortalizou.(p.10)

Muito embora, o ato cometido pelo chofer em nada se compara aos praticados pelo herói morto. Esse homem ganha lugar de destaque em oito estrofes, dos sessenta e oito que o cordel possui.

Talvez inconformado com a justiça, Thadeu Martins parece assumir no cordel o próprio lugar de juiz: afirma que Zé Pereira merecia ter o mesmo destino que Tiradentes, ser esquartejado; quanto a João Dantas,

Ao monstro que o matou
Sem a menor precisão,
No quero dizer-lhe o nome,
Me treme a penna na mão,
Rogo a Deus (se não for crime)
Que lhe lance a maldição (p.13).

O último cordel, a qual nossa pesquisa teve acesso, *A chegada de João Pessoa ao céu* (também da Editora Guajarina, Belém do Pará) é de autoria desconhecida e foi escrito pouco mais de um ano, após a morte de João Pessoa.

Apesar de ambos os cordéis terem sido publicados pela mesma editora, eles possuem algumas diferenças que merecem ser pontuadas. No cordel de Thadeu Martins, o poeta apresenta um caráter informativo em seus versos, como também um veículo para a exibição do seu ponto de vista sobre os fatos políticos. Já no folheto *A chegada de João Pessoa ao céu*, o autor se coloca enquanto personagem da narrativa, ele não se comporta como alguém que quer apenas informar ou expor sua opinião, mas sim como um mensageiro da verdade, partindo do pressuposto que o que o autor escrevia em seus versos era a verdade por ele defendida.

A história narra uma viagem do poeta, através de sonho, ao céu e ao inferno. Chegando ao céu, o narrador presencia o recebimento de João Pessoa no recinto celestial. Em seu texto, Pessoa aparece como um homem muito honrado, um herói brasileiro que é muito bem recebido por todos os santos.

Chegava ao céu nesse instante
Uma alma heroica bôa,
Uma legião de anjos
Lhe acompanha e entôa
Lindos cânticos anunciando
Que ao céu ia chegando
A alma de João Pessoa.

A cena é descrita da seguinte forma: João Pessoa estava no céu para submeter-se ao julgamento celestial. No céu, estavam reunidos em uma mesa várias qualidades (razão, honestidade, saber, entre outros) e alguns defeitos (a mentira, falsidade, entre outros), possuindo o dever de defender e acusar o réu perante, o “pae eterno”. Os defeitos lançaram contra João Pessoa uma série de acusações, dentre elas: assassino e corrupto. Nesse mesmo instante, as qualidades defenderam o político daquelas “mentiras” e então expulsaram os “males” da morada eterna.

João Pessoa é descrito pelo poeta como um homem bom e humilde ao prostrar-se diante de deus. Ao pedir perdão por todos os seus pecados, ele justifica que suas lutas foram dirigidas contra seus inimigos e não ao “irmão, ao “fraco” ou ao “justo”:

Pae! Si na terra luctei
Não verti sangue de irmão,
Luctei ao sol da Justiça
Com a vossa lei na mão,
Luctei pela integridade
Pela honra e honestidade
Justiça foi o meu braço.

Luctei a favor do fraco,
Fui de encontro ao opressor
Nunca empreguei a violência
Contra o justo ou pecador;
Minha lei foi a clemencia
P’ra todos tive indulgencia
Ao meu proximo tive amor. (p. 5)

Marcando a diferença entre o herói e seu algoz, João Pessoa é descrito pelo autor, com todas as características de um bom cristão, de um verdadeiro herói da nação¹¹. Ele é humilde, justo, íntegro, honesto, clemente e indulgente. Possui as atribuições de um homem perfeito, mas ao ser humilde e admitir os seus pecados ele demonstra que o é. Ele reforça a sua bondade ao ser humilde perante Deus. O cordelista se coloca no texto a estabelecer um diálogo com o leitor, descrevendo “verdades” sobre João Pessoa. Essas “verdades” são possivelmente analisadas pelos seus consumidores, no momento de leitura.

Deus entende que todos os atos de João Pessoa o foram feitos com um propósito maior e o manda para a morada eterna, como mostra a seguinte estrofe:

E assim ficou no céu
Aquella alma pura e bôa
A gloria astral de seu nome
Por todo espaço ressoa
Na terra desconsolado
Geme o povo contristado
Relembrando João Pessoa. (p.12)

Após presenciar o julgamento de Pessoa no céu, nosso poeta viaja até outro lugar. Um lugar onde “tudo era terrível” (p.12), lá ele encontra-se com um diabo que o mostra todo o lugar. Mostra também, um cozinheiro fazendo um estranho café, feito para certo “coroné” (p.13). O autor faz referência ao Coronel Zé Pereira, que como já vimos era um inimigo político de João Pessoa e que teria sido o responsável, segundo os

¹¹ Para melhor compreensão sobre a construção imagética de João Pessoa, ler o capítulo *O adultério feminino e o fantasma da infidelidade (1920 – 1930)* de autoria de Maria do Socorro Cipriano, contido no livro *Outras Histórias: cultura e poder na Paraíba (1989-1930)*. No presente texto, a autora discorre, dentre outras questões, a cerca das visões sobre João Pessoa com um homem fiel ao Estado e João Dantas como um traidor.

outros cordéis, pela armadilha planejada para matar o João Pessoa. “Me disse o diabinho: aqui/ Esta sendo muito esperado/ Um rei truão e maluco/ Que armado de trabuco/ Fez de Princesa um estado” (p.13). O lugar de Zé Pereira no inferno já estava guardado.

Nesse momento, chega Satanás e entrega ao poeta um embrulho:

Com muita delicadeza
Elle disse: por favor
Quando for p’ra sua terra
Dê isso lá ao doutor...
E disse um nome conhecido,
Eu fiquei estarecido
Tremi até de pavor

243

Fica explícito que o embrulho era para João Dantas. Após conhecer os quartos do inferno, o autor é empurrado do inferno e, nesse momento, ele cai de sua cama, era tudo um sonho.

Conclusão

“Discutir a figura do ex-presidente do estado da Paraíba, João Pessoa, é quase tratar de um tema intocável. O personagem é quase intocável, transformado em mito após seu assassinato, em 26 de julho de 1930” (SILVEIRA, 2013, p. 13). A morte do presidente é articulada à revolução de 1930, sendo atribuída a motivações de rivalidades políticas. A construção de sua imagem de herói pode ser percebida através do ritual do fúnebre, quando o corpo do político é transportado por vários estados como símbolo da revolução. Nesse meio, a figura do político emerge como um herói nacional. Ruas, praças e prédios recebem seu nome, muda-se o nome da capital paraibana de Parahyba para João Pessoa, cria-se um feriado em sua homenagem.

Da Paraíba ao Rio de Janeiro, João Pessoa morto torna-se ator de um grande espetáculo, para o qual foi compulsoriamente convidado para representar o papel de “redemptor do Brasil”, “o inolvidável”, “o grande e bravo João Pessoa”, “o santo civil paraibano”, “o apóstolo, profeta e messias”, que chegou ao ponto de “doar sua vida em holocausto à nação”, numa espécie de suicídio altruísta que o consagrou como mártir das liberdades democráticas no Brasil (VARELA, 2010, p. 218)

Segundo Aires (2013), Os movimentos do partido Liberal, póstumos a morte de Pessoa desempenharam um papel importantíssimo na criação do mito João Pessoa, que surge como um símbolo de mudanças, da república velha e coronelística para a “república moderna” e “popular”.

A literatura de cordel jornalística, cuja função é a de informar o homem simples através de seus versos os acontecimentos, faz uma releitura das notícias proferidas pelos veículos informativos oficiais, mas não deixam de carregar consigo o discurso oficial.

Todos os polos direcionavam para a mitificação de João Pessoa. Mas “quanto mais fracas as forças submetidas à uma direção estratégica, tanto mais estará sujeita à astúcia” (CAUSEWITZ apud CERTEAU, 1994, p. 101). Estratégias se revelam como

as práticas dos fortes para manipular os fracos e a astúcia, que é utilizada como último recurso, para burlar as estratégias, configurando-se assim uma prática tática, ou seja, uma arte do fraco. Até que ponto o discurso oficial “traduzido” pela literatura de cordel predominava sobre seus consumidores? Essa questão fica em aberto, como instigação a um aprofundamento na pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. – Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999 – (*Coleção Histórias de Leitura*).

Autor desconhecido. Pará: 1931. **A chegada de João Pessoa ao céu**. (Acervo de Cordéis Átila De Almeida – UEPB).

AIRES, José Luciano de Queiroz. **A fabricação do mito João Pessoa: Batalhas de memórias na Paraíba (1930-1945)**. – Campina Grande, EDUFCG, 2013.

_____. **Escola e a socialização do mito João Pessoa**. *Saeculum – Revista de História*, João Pessoa, Vol. 16, P. 129 – 146, Jan/ Jun. de 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CIPRIANO, M. S. O adultério feminino e o fantasma da infidelidade (1920-1930). In: ABRANTES, Alômia; Neto, M. G. dos Santos (orgs). **Outras histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2010.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. – 2. Ed. 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MACIEL, Laurindo Gomes. Local desconhecido: s/d. **A morte do Grande Presidente João Pessoa**. (Acervo de Cordéis Átila De Almeida – UEPB).

MARTINS, Thadeu de Serpa. Pará: 1930/1931. **O assassinato do Presidente João Pessoa**. (Acervo de Cordéis Átila De Almeida – UEPB).

VARELA, Dinarte. A revolução de 1930 e os artefatos culturais. In: ABRANTES, Alômia; NETO, M. G. dos Santos (orgs). **Outras Histórias: cultura e poder na Paraíba (1889 -1930)**. – João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2010.